

Culturas docentes e culturas de ensino (1/4)

A história de vida de cada um é construída ao longo da sua existência a partir de experiências vivenciadas em todas as dimensões pessoal, profissional, cívica e social, não só enquanto formandos, mas também enquanto formadores. Utilizam ou devem utilizar a reflexão, o questionamento, a criação e recriação dos cenários onde atuam para uma vivência sadia com os outros. Esta situação é mais premente enquanto docentes, uma vez que se exercem sobre os professores vários elementos culturais, influenciando-os nos seus processos de formação.

Nesta linha de pensamento, Gómez (2001, p. 17) entende a cultura como: “o conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o qual facilita e ordena, limita e potencia os intercâmbios sociais, as produções simbólicas e materiais e colectivas dentro de um marco espacial e temporal determinado.”

Segundo Day (2001, p. 127) “a cultura tem a ver com as pessoas inseridas no contexto organizacional e caracteriza-se pela forma como os valores, crenças, preconceitos e comportamentos são operacionalizados nos processos micropolíticos da vida da escola”.

Também Hargreaves (1998, p. 217) define as culturas docentes como “as crenças, valores, hábitos e formas assumidas de fazer as coisas entre comunidades de professores que se viram obrigados a lidar com exigências e constrangimentos semelhantes ao longo de muitos anos.” Neste sentido, Lima (2002, p. 20) salienta que “as culturas dos professores deverão ser perspectivadas não apenas em termos de conhecimento, de valores, de crenças ou de concepções, mas também de comportamentos e práticas”, referindo, ainda, que a cultura não é apenas “conjuntos de valores representações e normas, mas também modos de ação e padrões de interação consistentes e relativamente regulares que os professores interiorizam, produzem e reproduzem durante as (e em resultado) suas experiências de trabalho.”

Santos, R. (2012). **Ponte Entre Nós. A Articulação Docente no 1º CEB – um contributo para a aprendizagem**, Dissertação de Mestrado no Curso de Ciências da Educação, Especialidade de Supervisão Pedagógica, na Lusófona - Porto.

Culturas docentes e culturas de ensino (2/4)

Por sua vez, Lima (2002, p. 19) refere que Trice & Beyer (1993) defendem cultura como “fenómenos colectivos que incorporam as respostas das pessoas às incertezas e ao caos que são inevitáveis na experiência humana” através de duas categorias: a substância pela partilha de crenças ou ideologias, e as formas pelas experiências e ações partilhadas pelos membros de uma cultura. Daqui se pode deduzir que na história de vida de cada um importa incluir a política e a sociedade da cultura e formação docente. Assim, a cultura social e a cultura docente fazem parte do comportamento docente. Por cultura social entende-se a ideologia, isto é, condições económicas, sociais e políticas (ibidem, 2002). Por cultura docente entende-se todas as ações dos professores, isto é, os processos de formação, a forma como procedem, o modo como atuam e sentem o exercício da sua atividade profissional através dos métodos que impõem na sala de aula, da reflexão e do diálogo nas suas “relações interpessoais, na definição de papéis e funções que desempenham, nos modos de gestão, nas estruturas de participação e nos processos de tomada de decisões” Gómez (2001, p. 164).

Como laços numa corda, a cultura social e a cultura docente interligam-se no processo de atuação e formação docente tornando-se flexível e passível de mudança, pois a forma como os professores pensam e agem na prática profissional está estreitamente ligada à cultura social.

Segundo Hargreaves (1998), as *culturas* de ensino ajudam a conferir sentido e identidade aos professores e ao seu desempenho e, por isso, figuram entre os aspetos mais significativos da sua vida e do seu trabalho. Este autor, Hargreaves (1998), ainda vai mais longe, diferenciando o conteúdo e a forma das culturas de ensino, salientando que é através das formas (padrões característicos de relacionamento e formas de associação entre os seus membros) que os conteúdos (atitudes, valores, crenças, hábitos, pressupostos e modos de fazer as coisas partilhados por um grupo de professores) são realizados, reproduzidos e redefinidos.

Santos, R. (2012). **Ponte Entre Nós. A Articulação Docente no 1º CEB – um contributo para a aprendizagem**, Dissertação de Mestrado no Curso de Ciências da Educação, Especialidade de Supervisão Pedagógica, na Lusófona - Porto.

Culturas docentes e culturas de ensino (3/4)

Relativamente ao isolamento e autonomia profissional alimentada muitas vezes pelo próprio professor quer no espaço de sala de aula quer na participação com os órgãos de gestão e envolvimento com a escola, este constitui um obstáculo não só no acesso e na partilha de novas ideias, na inovação tão necessária neste mundo social em constante mudança, como também na possibilidade de encontrar soluções para os problemas e desafios enfrentados pelo “peso da tradição” (Morgado, 2005).

Torna-se evidente que a solidão do trabalho docente delimita o desenvolvimento pessoal e profissional pela inércia à transformação de práticas pró ativas e colaborativas, sendo por isso, reprodutora da passividade e do conservadorismo (Gómez, 2001).

Quanto à colegialidade burocrática e cultura de colaboração são formas de trabalho colaborativo e cooperativo que visam promover o desenvolvimento profissional e a reflexividade quando se pautam pela espontaneidade, parte da vontade dos professores, enquanto grupo social onde são definidas as tarefas e a finalidade do trabalho a desenvolver (Hargreaves, 1998). Manifestando-se de várias maneiras e com diferentes graus de intensidade, a saturação de tarefas e a responsabilidade profissional, estão cada dia mais presentes no corpo docente das atuais escolas, devido às novas exigências curriculares e sociais decorrentes da revolução científica e tecnológica.

Morgado (2005) refere que as tarefas de gestão e organização escolar e curricular, a presença em reuniões de vária ordem mostram como a profissão docente alargou os seus horizontes de atuação, mas também revelou as falhas e deficiências do sistema, criando-se um mal estar docente generalizado. A frequente denuncia de “falta de motivação e incapacidade (não incompetência) ” dos professores para conseguirem responder ao que lhes é solicitado, são evidências claras de frustração no corpo docente.

Santos, R. (2012). **Ponte Entre Nós. A Articulação Docente no 1º CEB – um contributo para a aprendizagem**, Dissertação de Mestrado no Curso de Ciências da Educação, Especialidade de Supervisão Pedagógica, na Lusófona - Porto.

Culturas docentes e culturas de ensino (4/4)

Como consequência deste cenário, a ansiedade profissional, desmoralização e conformismo são sentimentos que acompanham cada vez mais os atuais docentes. Ou seja, concordando com Azambuja (2006, p. 8) “a realidade da situação profissional dos professores colabora para a realização de um trabalho imediatista e solitário onde o descrédito profissional passa a fazer parte da cultura docente.”

Quando pretendemos estudar o comportamento cultural docente, um dos campos de pesquisa a ter em conta é a cultura organizacional (Lima, 2002). Ora, como qualquer outra organização, a escola apresenta-se como uma unidade constitutiva de subgrupos de origens sociais diversificadas e com perceções da realidade claramente diferenciadas, não sendo portanto constituída por grupos homogéneos de elementos. Referenciando Caria (2000, pp.197-198) “a cultura vive da necessidade de gerir a heterogeneidade, dentro dos mesmos princípios estruturantes da interacção, como um todo único, uma cultura.” Isto não significa que exista uma cultura única. Há sim, uma cultura dominante, constituída por subculturas (Costa, 1997; Rodrigues, 2005).

Tal como refere Shein (1992, cit. por Rodrigues 2005) é na negociação que se realiza a interacção destas subculturas, convergindo numa cultura global. As culturas docentes integram assim comportamentos, práticas, modos de agir nas escolas e interagir de professores, daí a importância do estudo das formas de associação e dos padrões de interacção, de modo a que se possa compreender as culturas e subculturas da escola (Hargreaves, 1992; Talbert & McLaughlin, 1994).

Sendo amplamente reconhecido o papel das culturas de ensino na aprendizagem e no desenvolvimento profissional dos professores, ao compreendermos as formas destas culturas, conseguimos entender os seus limites e as possibilidades de progresso e a mudança educativa. À semelhança de Gómez (2001), Hargreaves (1998) identifica quatro formas abrangentes de culturas docentes: *o individualismo, a colaboração, a colegialidade artificial e a balcanização*, cada uma com implicações no trabalho do professor e na mudança educativa. Assim, embora já se tivesse referido resumidamente estas culturas docentes, passar-se-á a desenvolver um pouco mais estes conceitos.

Santos, R. (2012). **Ponte Entre Nós. A Articulação Docente no 1º CEB – um contributo para a aprendizagem**, Dissertação de Mestrado no Curso de Ciências da Educação, Especialidade de Supervisão Pedagógica, na Lusófona - Porto.